

PROUS, André. *Arte Pré-Histórica no Brasil*. Belo Horizonte: C/Arte, 2007. 127p. ISBN 978-85-7654-033-5.

Francisco Silva Noelli*

André Prous é um pesquisador que contribuiu decisivamente para o progresso da Arqueologia Brasileira. Seu *Arte Pré-Histórica no Brasil* é mais um importante trabalho de divulgação dirigido “aos estudantes de graduação e outros interessados em arqueologia”. Evidentemente, também será útil aos especialistas como material didático para aulas, cursos e palestras, tanto pelo texto, quanto pelas ótimas ilustrações divididas entre fotos e desenhos de alta qualidade. Enfim, é um livro que precisa ser lido.

A orientação teórica desenvolvida pelo autor, reafirmando sua profícua e longa série de publicações, está dirigida para a análise estética e à interpretação estruturalista de artefatos e grafismos. De forma objetiva e clara, a modo de introdução e orientação ao leitor, apresenta uma história concisa do desenvolvimento da arte pré-histórica na Europa, explicando as técnicas de pesquisa e datação, e algumas interpretações formuladas ao longo do tempo, até o presente. Também há uma reflexão introdutória sobre a interpretação e classificação da arte pré-histórica. A parte sobre o Brasil começa por um relato sobre a pesquisa da arte pré-histórica, da qual Prous é um dos principais personagens, com destaque para o mapa das principais concentrações de sítios rupestres citados no livro. Curiosamente, não consta no mapa a distribuição de parte da variada tipologia dos registros amazônicos, recentemente publicados em levantamento exaustivo de Edithe Pereira, cujo livro Prous cita nas referências (p. 127). Embora se possa argumentar que os registros amazônicos não são tão concentrados, eles poderiam estar no mapa como os da Tradição São Francisco.

(*) Professor aposentado da Universidade Estadual de Maringá. ffnoelli@wnet.com.br

É didática e relevante a explicação de como eram feitas as pinturas rupestres. São apresentadas as matérias-primas e as técnicas de confecção, e quais são as técnicas físico-químicas de identificação e datação. Também é importante o relato dos vários processos que permitem ou não a conservação dos grafismos, desde as reações físico-químicas naturais e climáticas até o vandalismo que podem danificar ou destruir definitivamente essas manifestações culturais.

Um destaque da obra são as ilustrações de alta qualidade das diferentes manifestações de arte indígena. Além dos grafismos são apresentadas esculturas em pedra e osso, como os zoólitos e esculturas em osso dos sambaquis da região sul do Brasil, as esculturas tapajônicas e os muiraquitãs da Amazônia, e diversos tipos de artefatos de pedra polida e lascada, como pratos, tembetás, machados, virotes, mãos-de-pilão e pontas de projétil. Também há um curto item sobre adornos e pinturas corporais. As cerâmicas também estão representadas e muito bem ilustradas, com destaque para as elaboradas na Amazônia, que são amplamente explicadas em função da sua complexidade artística. Também é apresentada a cerâmica da Tradição Tupiguarani. As demais tradições cerâmicas não constam, certamente devido às dimensões do livro.

Aproveitando a oportunidade, gostaria de debater uma perspectiva que Prous apresenta e que ganha espaço nas suas publicações a partir de 2005, e que também é partilhada por seus alunos e alguns colegas. Trata-se da inclusão do termo “proto” nos “dois grandes conjuntos” cerâmicos distintos dentro da Tradição “Tupiguarani” (p. 88): 1) “Proto-Tupi”, “desde o litoral de São Paulo até o Maranhão” e, “também, ao sul do Pará”; 2) “Proto-Guarani” se “estende desde o sul do litoral de São Paulo até o norte da Argentina” (p. 88).

Proto é um antepositivo derivado do grego que significa “primeiro” e, composto, indica prioridade, preeminência etc.. Neste sentido, “proto” só poderia ser usado para definir conjuntos que teriam originado as cerâmicas Guarani e “Tupi”. Portanto, não se justifica, a meu ver, acrescentar o termo proto a conjuntos cerâmicos arqueológicos que possuem evidente semelhança com a cerâmica “Tupi” e Guarani histórica. As provas arqueológicas, tal como se considera após José Brochado, mostram que existiu um processo histórico e cultural de longa duração desde a Amazônia, que resultou nas cerâmicas Guarani e Tupinambá (esta denominada de “Tupi” por Prous). De fato, os conjuntos cerâmicos “proto-tupi” ainda são desconhecidos e precisam ser buscados na Amazônia. Somente assim, estará completo o modelo do processo de longa duração que possibilitou a produção e reprodução desses conjuntos cerâmicos.

Proto-Tupi é um conceito específico da lingüística histórica, que reconstruiu a língua dos ancestrais das famílias lingüísticas que formam o tronco Tupi. A lingüística revelou a estrutura do processo histórico que vai da proto-língua até as línguas historicamente

conhecidas, deixando aos arqueólogos e antropólogos o ônus da prova sobre os eventos. Também revelou que ao tempo da proto-língua, cerca de 5.000 anos atrás, os Tupi já dominavam a agricultura e produziam cerâmica. A prova lingüística é insofismável, no sentido de que os processos históricos que formaram os falantes das línguas Tupi, a exemplo da família Tupi-guarani, moldaram pessoas que sempre produziram vasilhas cerâmicas. A resolução do problema está além de Prous e é um desafio para todos os arqueólogos. Ainda é preciso entender todo o processo e sua complexidade, encontrar as evidências que ajudem a explicar a trajetória dessas populações no passado, a revelar como os conjuntos cerâmicos foram produzidos, reproduzidos e transformados na longa duração.

Para finalizar, é preciso destacar que a contribuição de Prous eleva definitivamente o nível do estudo da pintura das vasilhas, estabelecendo o patamar imprescindível para o futuro. A alta qualidade e precisão possuem o melhor nível gráfico na história das publicações sobre as cerâmicas Guarani e Tupinambá.

Recebido para publicação em 29 de agosto de 2007.